

Mais 3,6 milhões de brasileiros entram na pobreza, mostra Pnad

 oglobo.globo.com/economia/mais-36-milhoes-de-brasileiros-entram-na-pobreza-mostra-pnad-20545635

Invalid Date

por Cássia Almeida, Lucianne Carneiro, Daiane Costa, Thays Lavor* e Daniel Gullino**

26/11/2016 4:30



Renda única. Só uma renda. Luciana dos Santos (esq) é filha de Maria Luzia, aposentada por invalidez. O genro Francisco do Nascimento está desempregado e a mulher Lucineide cuida dos três filhos - **Thays Lavor / Agência O Globo**

Publicidade

RIO - A recessão de 3,8% no ano passado jogou 3,6 milhões de brasileiros na pobreza, condição de vida agora de 10% da população do país. Os cálculos, inéditos, são do diretor da FGV Social, **Marcelo Neri**, com base na Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2015, que o IBGE divulgou ontem. A alta foi expressiva, de 19,33%, invertendo uma tendência que vinha desde 2004, de queda média anual de 10% na pobreza. No total, há 20,5 milhões de pobres no Brasil. A miséria aumentou mais ainda: 23,4%, arrastando à pobreza extrema mais 2,7 milhões de pessoas, o que representa 2,9% da população.

PUBLICIDADE

[inRead invented by Teads](#)

O maior levantamento socioeconômico anual do país mostrou a primeira queda na renda do trabalho em 11 anos, de 5%, perda que sobe a 7,2% quando considerado o rendimento per capita das famílias. Houve ligeiro recuo da desigualdade e mais 2,8 milhões de desempregados. Esse mesmo retrato trouxe a boa notícia de mais crianças de

4 a 5 anos na escola (84,3%), mas uma estagnação na frequência dos adolescentes em 85% da população nessa faixa etária.

O acesso ao saneamento básico acelerou levemente. Porém, mais de um terço dos lares continua sem rede coletora de esgoto. Enquanto o país cruzou a barreira de 100 milhões de internautas, o número de casas com computadores caiu pela primeira vez desde 2004. Nas características da população, pela primeira vez o número de brasileiros pardos se igualou ao dos que se declaram brancos.

RETRATO ANTECIPA 2016 DE NÚMEROS PIORES

O retrato da pobreza e da desigualdade deve piorar quando os números de 2016 forem divulgados, segundo **Neri**. A recessão não deu trégua e o PIB deve cair mais 3,4%. Os dados já mostram que a desigualdade, uma das maiores mazelas brasileiras, intensificando o aumento da pobreza:

— O ajuste continuará em 2016, afetando também o indicador de desigualdade, depois de 14 anos de redução contínua. Em 2016, vamos perder nas duas frentes.

A queda de 10,15% do rendimento dos 10% mais pobres explica esse aumento na pobreza e na miséria. A renda do trabalho minguou e o Bolsa Família, destinado a essa fatia da população, não teve reajuste em 2015, ano em que a inflação foi de 10,67% — corroendo os ganhos principalmente de quem tem menos.

A crise, porém, não poupou ninguém. Todas as faixas de renda tiveram perdas significativas. Embora na base da pirâmide a perda tenha sido maior, o recuo foi menor entre a metade mais pobre da população do que entre os 50% mais ricos, o que levou à leve queda da desigualdade, num processo que vem desde 2001. O índice de Gini (quanto mais perto de 1, mais concentrada é a renda) caiu de 0,490 para 0,485 quando considerado o rendimento do trabalho. Apesar da aparente boa notícia, Maria Lúcia Vieira, gerente da Pnad, explica que as razões não são positivas, pois há perda de renda em todos os grupos:

Publicidade

— A redução da concentração de rendimentos é boa quando há uma situação mais homogênea para todos. Quando todo mundo perde, fica pior para todo mundo. Caiu, mas não melhorou a situação das pessoas.

Para o coordenador do Centro de Políticas Públicas do Insper, Naércio Menezes Filho, o salário mínimo explica essa queda na desigualdade:

— Mesmo com a crise, o salário mínimo continuou aumentando de acordo com a inflação. Esse aumento não alcança os mais pobres, mas o meio da pirâmide de renda, no mercado de trabalho especialmente. Mesmo assim, essa queda foi um pouco menor do que na recessão de 1999, quando a renda caiu 9%. Nessa recessão, está caindo menos que o PIB per capita (queda de 4,6%), apesar do aumento do desemprego ter sido maior.

A realidade dentro dos lares reflete esse retrocesso social, que se estende a 2016. Arroz, farinha, ovo, café e mortadela é a dieta da família de Maria Luzia dos Santos Rafael, de 42 anos. Morando no bairro Bom Jardim, em Fortaleza, em uma casa com três cômodos com as duas filhas, genro e três netas, ela é a provedora da família. Aposentada por invalidez, recebe um salário mínimo. Paga o aluguel de R\$ 250, luz (R\$ 60) e os outros gastos da família.

— E assim que a gente vai vivendo. Eu me aposentei cedo, dentre as doenças que tenho coloque aí o HIV — lamenta Luzia.

As filhas e o genro não contam com qualquer benefício social, apenas com a solidariedade de Luzia. Francisco André Barbosa do Nascimento, de 37 anos, está desempregado. Ele conta que há meses procura qualquer ocupação, mas nada tem aparecido. Nascimento é um dos 10 milhões de desocupados que a Pnad mostrou. A taxa

de desocupação subiu de 6,9% para 9,6% no ano passado:

— Eu faço tudo, sou vendedor, servente, trabalho com qualquer serviço, mas parece que tudo sumiu, ninguém está chamando para nada. Assim fica difícil, a gente vive só com a ajuda de Deus e com a sensibilidade de algumas pessoas que nos ajudam.

Na casa da família de Luzia, falta quase tudo. A casa é de chão batido e pouca luz, a água não é encanada, televisão não existe. De eletrodomésticos, só fogão e geladeira. No quarto, uma cama e a rede para todos.

Publicidade

A forte queda de renda dos mais pobres é um alerta para a necessidade de aumento dos programas sociais, diz Marcelo Medeiros, professor da Universidade de Brasília (UnB) e pesquisador do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Mesmo em um contexto de ajuste, ele lembra que o gasto com os mais pobres é pequeno diante de outras despesas do governo, como a Previdência, e defende prioridade para a questão.

— Se temos uma queda desta magnitude para os mais pobres, é preciso aumentar os programas sociais para criar uma rede de proteção. A hora não é de fazer economia com os mais pobres. Economizar com pobres é economizar migalhas, o gasto mais pesado no Brasil é com os mais ricos. Se isso não for feito, haverá forte pressão de aumento da pobreza e da população de baixa renda — afirma o professor Medeiros.

** Especial para o GLOBO*

*** Estagiário, sob supervisão de Cassia Almeida*

[Anterior Mineradora de Eike Batista pede recuperação judicial](#)

[Próxima Nova regra para financiamento de imóvel pode afetar Minha Casa](#)

Recomendadas para você

[Recomendado por](#)

Newsletter

As principais notícias do dia no seu e-mail.

Já recebe a newsletter diária? [Veja mais opções.](#)